



EDITORIAL

TRÂNSITO

Muito se tem dito em Espinho, a propósito do problema do trânsito e de como se vem tentando resolvê-lo.

Problema difícil, insusceptível de contentar toda a gente, tem sido objecto de discussão, de protestos, de censuras e de elogios.

Pela nossa parte, queremos afirmar que em princípio damos a nossa inteira adesão aos esforços que têm sido empregados para o resolver e às soluções que têm sido adoptadas.

Poderá dizer-se que há defeitos aqui e além. Mas, como temos afirmado, os defeitos acabarão por corrigir-se, de harmonia com os resultados da experiência, e não vemos neste momento que os defeitos apontáveis se aproximem do volume atingido pelas vantagens que as soluções adoptadas puseram à vista de toda a gente.

Quem se integrar no esquema que foi perfilhado facilmente conduzirá em Espinho, sem os entraves e os perigos que até aqui existiam, ou, pelo menos, vendo-os largamente reduzidos.

Queremos abordar um aspecto que nos parece não ter sido encarado, pelo menos nos termos em que o vemos: o do estacionamento.

Parece-nos indispensável e urgente convencer as pessoas de que o trânsito na parte poente da cidade e na parte nascente até à Rua 16, entre as Ruas 27 e 7, deve fazer-se todo ele sem estacionamento nessa zona.

Isto de a pessoa querer ter o carro estacionado à sua porta, querer levá-lo para o café, para o cinema e para a praia e tê-lo aí estacionado às suas ordens é cómodo, sem dúvida, mas é extremamente prejudicial aos outros que fazem parte da mesma comunidade.

Criemos parques de estacionamento a norte, na zona que vai ser objecto de expropriação para a passagem aérea sobre o caminho de ferro, a sul no Largo de S. Pedro, e a nascente, nos terrenos da feira e nos contíguos à Avenida 24 para norte; limitemos a duração do estacionamento em parques pagos nos passeios da Avenida 8, a norte da Rua 13 e a sul da 23, proibamos o estacionamento nas nossas ruas centrais, habituemos as pessoas a andar a pé na zona central, certos de

que lhes prestaremos e à cidade um inestimável serviço e teremos a solução.

Meditemos sobre as vantagens da solução adoptada para as camionetas — solução tão criticada pelos comodistas, que desejavam a camioneta a transportá-los até à praia e a esperar por eles ali — e da solução adoptada em Lisboa para o Rossio e os Restauradores — igualmente criticada, mas hoje agradavelmente recebida — e veremos como todos, naturais, residentes e visitantes passaremos a encarar Espinho de maneira diferente, a apreciar as suas arejadas ruas, libertas de lata, de incómodos obstáculos.

Com esta medida e com uma limitação acentuada e rigorosamente fiscalizada da velocidade e dos ruídos, passaremos todos a viver de maneira diferente, depressa reconhecendo todas as vantagens das providências que forem adoptadas.

E se houver, pois, quem proteste, que fuja daqui. Outros virão substituí-los, mais compreensivos, mais correctos, mais úteis, mais desejados, dispostos a preparar o terreno que permitirá àqueles regressar, quando reconhecerem e bem que significava a medida que rejeitaram.

PORTA
ABERTA

O NEGÓCIO DA AREIA

Já tanto se tem escrito na nova Defesa de Espinho sobre os vários riscos que resultam para Espinho e toda a costa marítima desta zona devido à extracção de areias (em quantidades altamente industriais), que estou convicto de que as Entidades respectivas devem estar atentas e que, com certeza, alguns passos terão dado para a solução do problema. Oxalá as formalidades burocráticas não impeçam que a necessária solução surja sem demoras, se é que ela é possível...

Em 1968 também em Paramos alguns habitantes mais atentos demonstravam o seu descontentamento pelos inconvenientes da extracção de areias, nos quais estava incluído o da deterioração dos caminhos por onde passavam diariamente dezenas de camionetas com areia. Felizmente bastou que o Comando da 1.ª Região Militar tivesse determinado a proibição do atravessamento da pista do Campo de Aviação às citadas viaturas para que a extracção de areias naquele local terminasse.

Mas o gordo negócio passou mais para Norte.

Nos princípios os carros pesados eram proibidos de utilizar o troço de estrada que liga a passagem do apeadeiro de Silvalde até ao caminho que contorna o topo Norte da pista. Por força do movimento dos camiões, os acessos então utilizados iam ficando em tão miserável estado que, finalmente, já nem para as camionetas serviam, mas, entretanto, creio que devido a requerimento do explorador da areia, à nossa Câmara Municipal, surgiu autorização para o trânsito de veículos pesados. Deixaram de existir entraves e a coisa vai rolando e dando origem a números como já vi na Defesa, que espantam e assustam os que querem sentir o problema.

As várias e válidas considerações que têm sido tornadas públicas nesse Jornal, quero acrescentar que, segundo informações dignas de todo o crédito, dadas por pescadores que desde há



MEDALHA COMEMORATIVA

Para deixar assinalado o momento de euforia que constituiu a elevação de Espinho à categoria de cidade, a Câmara Municipal mandou cunhar uma medalha comemorativa do acontecimento. Satisfazendo a natural curiosidade dos espinhenses e aguçando o interesse dos coleccionadores, D.E. publica a reprodução fotográfica do verso e anverso desta medalha.

FIM DE SEMANA 13.

Volto a recordar o Espinho-Passado, agora dos últimos anos da década de 20 até aos primeiros da de 50.

Revejo no verão o mesmo picadeiro (um apego de Espinho), o mesmo de hoje e de antes; o mesmo vai-vem de tirar água sem caneco, passeio inútil, mas imprescindível. Na mesma Avenida 8, no mesmo espaço, no mesmo sítio.

Sítio onde há um monte de anos aliás, se travavam, bem mais belas do que este rame-rame, batalhas de flores — que tiveram nomeada e foram ao tempo outro apego de Espinho. Não me lembro delas; quando cheguei, estava a perder-se-lhes a tradição. Sei, no entanto, que a algumas vim, menino de colo, no embalo do regaço materno.

O apreço pelas batalhas de flores e pela beleza do espectáculo perdeu-se com os anos aqui como em quase todas as partes do mundo onde se houve o costume de as ter. Que a época em que vivemos não é tempo de flores.

As mesmas esplanadas de hoje, tal como hoje pouco cuidadas na limpeza, o que não lhes afecta a procura.

Mas não deixo de pensar se a bem do bom nome da cidade turística não seria de cuidar-lhes da limpeza, pôr-lhes uns verdes, limpar-lhes os vidros dos paraventos daqueles resquícios permanentes de cola; não deixo de pensar se não seria possível dar-lhes mais luz, e nem só a elas, mas também ao passeio à beira-mar. Uma boa iluminação do picadeiro e um pouco de música escolhida com critério e difundida por uma instalação sonora decente, que cobrisse toda a zona, bastaria talvez para tornar desfile alegre o que é marcha nocturna de gatos pingados.

Naquele tempo cuidava-se o traje para vir à noite à avenida; mesmo os novos. Punha-se camisa e gravata, envergava-se o casaco; as senhoras quase

longos anos conhecem bem esta zona marítima, a areia que abundava no leito das águas da costa de Paramos deixou de existir, de tal forma que até a pesca de arrasto, onde outrora chegaram a trabalhar, sete companhas, se torna impraticável devido a inúmeros pegaduros que, despidos de areia, são autênticas ratoeiras para as redes.

Talvez devido às correntes marítimas

faziam do desfile e do estacionamento nas esplanadas passagem e monstruário de modelos e jóias e penteados.

Estamos hoje no pólo oposto — o à vontade completo. Mangas de camisa, camisola ou camisetas abertas, pelos do peito ao vento, com o pulover amarrado ao pescoço a tombar das costas cu amarrado à cinta a modos de avental, sapatos de lona ou sandálias, isto eles; elas rivalizam — calças de pano de baraca de praia ou de pijama (aliás como eles), mini-saias ou miníssimas saínhas ou não saias, maxi-saias estilo muito pano, a ondular, género cigano ou sari, socas, lenço de assoar na cabeça — por vezes uma sugestão de augustos de circos, até passeando caezinhos de tabete.

Mas quem estaria ou estará na razão? Nós, preconceituosos de há vinte-trinta anos, ou eles à vontade, vestindo como melhor lhes apetece nos dias de hoje? Nós sacrificávamos o conforto à elegância; hoje também me não convenço de que haja conforto em certos trajes que ostentam, aquelas socas torrefielianas, aquelas calças espartilhadas, ou cantiflianias, que elas rematam com um trapo amarrado ao peito a cobrir parte dele, biguinho à mostra.

Parece que num termo médio estará a razão. Nada da anacrónica pernóstica elegância de então, nem do exagero de agora: um sadio à vontade, que não negue o bem parecer nem sacrifique à comodidade.

Entretém este saltar de um passado recente à actualidade. Permite locubrar sobre o que poderia ser melhor ou pior, o que se poderia fazer. Por isso mesmo tencionamos perder um tempo nestas velharias projectadas no presente.

Saudade sem pecado.

Análise dos tempos inocente.

VASCO LUIS

ainda tem sido possível a pesca em Espinho, mas a areia não nasce de um dia para o outro e as barragens impedem em parte a sua passagem para o mar. Oxalá pois, que num futuro próximo a falta de areia na costa de Espinho não afecte também o sector da pesca que tanto nome e proveito tem dado a esta Cidade.

D. M

"ZÉ VAREIRO"



...E COM TANTOS BALDES PAR'O LIXO!...

Salão Nacional de Fotografia de ESPINHO

O júri encarregado de estabelecer a classificação das fotografias apresentadas a concurso viu-se em sérias dificuldades para escolher as melhores especialmente dado que teve que apreciar largas centenas de obras. Após um exame trabalhoso e cansativo o apuramento final deu os seguintes resultados:

CLASSIFICAÇÃO DOS TRABALHOS

TEMA «REGIONAL»

Preto e branco

- 1.º — LARGADA PARA O MAR, de João Avelino Marques, de S. João da Madeira.
 - 2.º — A ESPERA, de João Meneres, do Porto.
 - 3.º — GOLFE, de Manuel E. A. Sousa, de Santo Tirso.
- Melhor trabalho apresentado por concorrente residente em Espinho: Não atribuído.
Melhor trabalho apresentado por concorrente sócio da Assoc. Fotog. do Porto: A ESPERA, de João Meneres, Porto.
Melhor trabalho sobre a Praia de Espinho: O TRABALHO E O REPOUSO, de António Ricardo Oliveira Fonseca, Porto.

MENÇÕES HONROSAS:

- ESPINHO VOUGA, de Fernando de Oliveira Pinto, do Porto.
A PORTA, de Manuel E. A. Sousa, de Santo Tirso.
CONVERGÊNCIA, de Manuel Maria Valgode Valle, do Porto.

Cores em papel

- 1.º — FAINA DE TERRA, de António Ricardo de Oliveira Fonseca, do Porto.
 - 2.º — BARRACAS SEM PANO, de António Barbot C. Matos, do Porto.
 - 3.º — TROTE ATRELADO I, de Alfredo Alexandre de Sousa, de Espinho.
- Melhor trabalho apresentado por concorrente residente em Espinho: TROTE ATRELADO I, de Alfredo Alexandre de Sousa.
Melhor trabalho apresentado por concorrente sócio da Assoc. Fotog. do Porto: FAINA DE TERRA, de António Ricardo de Oliveira Fonseca, do Porto.
Melhor trabalho sobre a Praia de Espinho: Não atribuído.

MENÇÕES HONROSAS:

- ESPINHO A BEIRA-MAR, de Fernando Oliveira Pinto, do Porto.
FEIRA, de Fernando Oliveira Pinto, do Porto.

Diapositivos a cores

- 1.º — CATEDRAL, de António Ricardo Fonseca, do Porto.
 - 2.º — VIDA DIFÍCIL, de António Ricardo da Fonseca, do Porto.
 - 3.º — LUZ DA SALVAÇÃO NA PRAIA DE ESPINHO, de Mário Guilherme Amaral Pinto Ferreira, de Espinho.
- Melhor trabalho apresentado por concorrente residente em Espinho: LUZ DA SALVAÇÃO NA PRAIA DE ESPINHO, de Mário Guilherme Amaral Pinto Ferreira.
Melhor trabalho apresentado por concorrente sócio da Assoc. Fotog. do Porto: CATEDRAL, de António Ricardo Fonseca, do Porto.

- Melhor trabalho sobre a Praia de Espinho: POSTO DE VIGIA, de João Meneres, do Porto.

MENÇÕES HONROSAS:

- PRÁ PESCA, de Maria Adília Torres Nunes, de S. João da Madeira.
COR E FORÇA, de Alfredo Alexandre Sousa, de Espinho.

- PRAIAGOLFE, de M. Carmo Gonçalves, de V. N. de Gaia.
TOURADA, de José Augusto Alves, de Santo Tirso.

TEMA «LIVRE»

Preto e branco

- 1.º — GAIVOTA, de António Ricardo Fonseca, do Porto.
- 2.º — A CEIFEIRA, de José Firmino Ribeiro, Braga.
- 3.º — DESESPERO, de Anibal Sequeira, de Queluz.

MENÇÕES HONROSAS:

- SORRISOS E LAGRIMAS, de Fernando Nunes, de Lisboa.
A CASA, de Francisco Borges de Sousa, de Lisboa.
JOGO DA VIDA, de Maria Lucília Freire Boullosa, do Porto.
TRANSPARÊNCIAS, de Maria Lucília Boullosa, do Porto.
SINFONIA DOS BEIRAIS, de Horácio José Cruz, de Lisboa.

Cores em papel

- 1.º — O ENCONTRO, de Carlos Santos e Silva, Lisboa.
- 2.º — GALOPE, de António Ricardo Fonseca, Porto.
- 3.º — REGRESSO, de Pio Coelho do Amaral, Lisboa.

MENÇÕES HONROSAS:

- REBENTANÇA, de Manuel Peres, de Lisboa.
FILHA DE CIGANO, de Manuel Peres, de Lisboa.
CHOUPAL, de Gustavo Osório Mourão, Torres Vedras.
FIM DO DIA, de António Sousa Silva, Amadora.

Diapositivos a cores

- 1.º — MANHÃ AZUL, de João Avelino Marques, de S. João da Madeira.
- 2.º — BUCOLISMO, de Maria Adília Torres Nunes, de S. João da Madeira.
- 3.º — SOL DA MANHÃ, de José de Oliveira Pinho, de Setúbal.

MENÇÕES HONROSAS:

- MATINAL II, de Maria Adília Torres Nunes, de S. João da Madeira.
STAIR, de Carlos Afonso Pereira Coutinho, do Porto.
MANHÃ RADIOSA, de Júlio Almeida Maia, de Aveiro.
CAPELA BRANCA, de Manuel E. A. Sousa, Santo Tirso.
REMO NO DOURO, de Fernando Oliveira Pinto, do Porto.

Os trabalhos seleccionados vão ser expostos no Salão Nobre da Piscina Solário Atlântico, inaugurando-se o certame hoje, pelas 17 horas, com a presença dos srs. presidentes da Câmara Municipal de Espinho e da Comissão Municipal de Turismo e demais autoridades concelhias.

O horário da exposição será: todos os dias das 17 às 19 horas e das 21 às 24 horas. A projecção dos Diapositivos realizar-se-á nos dias 25, 26 e 30 de Agosto e 1, 2 e 6 de Setembro às 22 horas.

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SARRIA
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

E, OLÉ! NOVIDADES DA TAUROMAQUIA

NA ÚLTIMA CORRIDA

O «SOL» AQUECEU A PRAÇA SOLVERDE!

Não confunda, estimado leitor, com o calor do astro-rei que ilumina e aquece toda a humanidade, porque esse teimou em estar ausente durante a 5.ª corrida da temporada, na praça de touros de Espinho.

Não quiz fazer-nos a favor da sua graça, mesmo durante a faena de José Júlio, no 3.º da tarde, em que apenas faltou a sua imprescindível colaboração, tão íntima da Festa Brava.

Foi precisamente neste touro de boa presença, manso, entrando mal nos capotes, que José Júlio, depois de prévio tenteio, se parou em três verónicas, lentas, jogando bem as mãos, rematadas com meia verónica que Curro Romero rubricaria com agrado.

Despertou o «sol», esse sector sempre pronto a manifestações sinceras, espontâneas, barulhentas, que tanto animaram e aqueceram a tarde que seguia triste, fria, em pleno Agosto.

Tomou então esse «sol», a direcção da corrida e por contágio o restante público, que atento seguia a «batuta» dum espectador de gestos arrebatados que ocupava as 1.ª filhas, desempenhando as funções de «maestro» consumado.

Animado, José Júlio, mostrou a sua valia bandarilhando superiormente com alegria e valor, principalmente num par a «quiebro» que marcou impecavelmente na querença natural.

Brindou ao público naquele silêncio que antecede os grandes acontecimentos.

José Júlio, com passes por baixo, seguiu pela direita em redondo... imponente. Já nos «médios», vieram os clássicos naturais e de peito, correndo a mão, com mando e temple. Desplantes temerários, marca simulada estocada que provoca ovações de luxo, volta e saída aos «médios».

No seu segundo touro, que brindou ao espectador entusiasta, pouco pôde fazer.

O touro era manso, mas na ânsia de agradar, praticamente em cima dos «pitons», conseguiu passes valorosos em

que demonstrou a boa época que está atravessando.

O público reconhecido ovacionou, obrigando o toureiro de Vila Franca a dar volta.

De Armando Soares, recorde com muita saudade e admiração o seu toureiro de outras épocas, mas Armando atravessa uma crise deveras lamentável. Estimamos com sinceridade que volte a encontrar o sítio onde a «afición» o colocou por mérito próprio.

Fernando Andrade Salgueiro que toureou o 1.º e 5.º touros que primavam por mansos, diligenciou tirar partido dos seus inimigos, o que aliás conseguiu plenamente. Destacamos, no entanto, os curtos no seu primeiro, pela preparação e colocação da ferragem.

Ovação e voltas à arena na companhia dos forcados do Grupo de Amadores de Vila Franca Rogério Antunes e José Rego, que teve a gentileza de me dedicar a pega.

Frederico Cunha, mais feliz no seu lote, em especial no 6.º negro, cornalão, o menos manso da corrida, aguentou admiravelmente recargas emotivas e espectaculares.

Colocou ferragem comprida e curta, com valor e mérito.

Foi ovacionado, dando voltas à arena, acompanhado no 2.º touro por Fernando Quintino e no 6.º por José Régio.

O simpático e valente grupo de forcados, teve chamada especial no 6.º touro quando da pega mais rija da tarde, executada por Fernando Quintino. Na brega, destacamos Joaquim Silva pela sua eficiência e saber.

Os touros dos Herdeiros de João Gregório, estavam bem apresentados, mas saíram mansos.

Por fim, um bravo, pelo entusiasmo empolgante daquele aficionado do «sol», que consegue arrancar ovações merecidas para os lidadores.

Segundo ouvi, o seu nome é Paulino, se não for as minhas desculpas, mas o certo é que tem... raça.

«EL SOBRESALIENTE»

II TROFÉU «PINTO FERNANDES»

Terminou no passado domingo esta prova, que a dinâmica Secção de Automobilismo da Associação Académica de Espinho organizou, em moldes que mereceram os melhores elogios dos adeptos dos desportos mecânicos. A classificação final foi obtida através de três provas de perícia automóvel, realizadas em 28 de Julho, no largo das Ruas 20 e 31, em 11 de Agosto, nos terrenos do Aero Clube da Costa Verde, e em 19 de Agosto, na Rua 35, em frente à Escola Comercial, Mercê da pontuação acumulada os melhores volantes foram os seguintes:

- 1.º — Manuel Coelho Barbosa, com 54 pontos (2.º na primeira prova, 1.º na segunda prova e 2.º na terceira prova).
- 2.º — José Alberto Coelho, com 51 pontos (4.º, 2.º e 1.º).
- 3.º — Joaquim Mendes Leal, com 49 pontos (1.º, 3.º e 4.º).
- 4.º — Vítor Ferreira, com 44 pontos (3.º, 4.º e 3.º).
- 5.º — Xinando, com 28 pontos.

Na noite do passado domingo, no Salão Nobre do Casino, foi feita a distribuição dos prémios, antecédida de um espectáculo de variedades. A festa terminou com um animado baile.

X FESTIVAL DE MÚSICA (VERÃO 1973)

8.º CONCERTO — 2.ª-feira 27 de Agosto — 22 horas
no HOTEL PRAIAGOLFE

Recital de Piano
Florinda Santos

9.º CONCERTO — 6.ª-feira 31 de Agosto — 22 horas
no HOTEL PRAIAGOLFE

Recital de Piano
Fernanda Salema

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

O SEU BANCO

PORTO

LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

notícias da cidade

DO HOSPITAL

Internamentos gerais, 81.
Crianças nascidas, 32.
Intervenções cirúrgicas:
Cirurgia Geral, 14; Ortopedia, 3;
Otorrino, 18 e Urologia, 6.
Exames radiográficos, 171.
Serviços de urgência:
Atendidos—236 Homens e 223 Mulheres.

Internados entre outros:
Carmen Dolores Silva Carneiro, de Espinho, em Obstetria;
Rosa Zélia Vital Oliveira, de Espinho, em Ortopedia;
Gaspar Moreira Cardoso Costa, da Vila da Feira, em Medicina.

NOTÍCIAS PESSOAIS

— De Lisboa encontra-se entre nós o nosso assinante sr. Álvaro Baptista;

— A fim de passar uma temporada em França retirou na semana finda o nosso prezado assinante e industrial nesta cidade sr. Américo Domingues Mano;

— De Cabinda, regressou o sr. José Alberto Madureira Gil, filho do sr. Fernando Gil e de sua esposa sr.ª D. Branca Madureira Gil;

— Encontra-se entre nós o nosso assinante sr. Fernando F. Oliveira e Sá, de Cardal do Douro.

FALECIMENTOS

MENINO JOAQUIM MILHEIRO DA COSTA SANTOS

No passado dia 20 do corrente, faleceu nesta cidade o menino Joaquim Milheiro da Costa Santos, de 11 anos de idade, filho do nosso assinante sr. Domingos da Costa Santos e de sua esposa sr.ª D. Maria Lucina Fonseca Moreira Milheiro.

O funeral realizou-se no dia seguinte da residência de seus pais à Igreja Matriz, e daí ao cemitério municipal desta cidade.

Aos seus inconsoláveis pais, endereçamos as nossas sentidas condolências.

HILÁRIO FERNANDO

Faleceu nesta Cidade no passado dia 21 do corrente, o sr. Hilário Fernando, pai do sr. Dr. Rogério Fernando e da sr.ª D. Maria Clarice, irmão das sr.ªs D. Albertina Freitas e D. Maria Helena Fernando e do sr. Gabriel Fernando, sogro da sr.ª D. Maria Gabriela e do sr. Tibúrcio de Oliveira.

Agradecimento

José Gomes da Silva

Sua família vem por este unico meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral e missa do 7.º dia.

A Família

PRECISA

Pessoal indeferenciado livre de serviço militar

CETAP — CENTRO TÉCNICO DE APLICAÇÃO DE PLÁSTICOS
ANTA — ESPINHO

ELOGIO A C.P.

O sentido de justiça força a D.E. a deixar aqui público elogio à C.P. pelo cuidado que teve em, na tarde do passado domingo, mercê do invulgar movimento provocado pelo Festival Aero-náutico, postar nas três passagens de nível sem guarda, do Vale do Vouga, do Matadouro e do Golf, pessoal seu para avisar os automobilistas da possibilidade ou não de atravessarem a linha férrea. Não interessa se tal foi solicitado ou sugerido por pessoas ou entidades alheias à concessionária dos caminhos de ferro mas sim que a C.P. cumpriu a sua obrigação de bem prevenir. Afinal nem tudo vai mal no reino da Dinamarca...

PELA P.S.P.

— Foram apresentadas algumas queixas na P.S.P. por furto de carteiras com documentos e dinheiro dentro de automóveis estacionados e a pessoas que aguardavam transporte colectivo, nesta cidade.

— Por um empregado dum estabelecimento de café, desta cidade, foram entregues à P.S.P. três carteiras deixadas por desconhecidos nos lavabos, presumindo-se que tenham sido furtadas na feira semanal ou noutros aglomerados de pessoas.

— Pela P.S.P., na sua acção fiscalizadora, foram apreendidas algumas cartas de condução e levantados os respectivos autos, por infracção às regras de trânsito.

SINALIZAÇÃO OPORTUNA

Com agradável surpresa, verificámos há dias que no troço da E.N. 109, que atravessa a nossa cidade, o eixo da via foi sinalizado com um visível traço amarelo a demarcar as zonas em que as ultrapassagens podem ou não ser efectuadas. A entidade que tomou a decisão de o fazer «D.E.» dirige o seu aplauso e, simultaneamente, apresenta uma sugestão: porque não sinalizar-se também a proibição do estacionamento?

VOLTA A PORTUGAL EM MINIATURA

Nos locais habituais, realiza-se hoje a «Volta a Portugal em Miniatura», iniciativa a que o Sporting Clube de Espinho deu já foros de tradição.

Por certo, voltará a registar-se um grande interesse por parte das camadas mais jovens que vêem nesta prova oportunidade para imitar as grandes vedetas da velocidade, cujos nomes sabem de cor e salteado.

GINCANA DE AUTOMÓVEIS

Do programa de Festas de Verão faz parte há muitos anos a Gincana de Automóveis, em que está «especializado» o Sporting de Espinho. A regra não será quebrada este ano e amanhã esta prova automobilística terá nova edição.

Segundo se espera, a Gincana terá bom número de concorrentes, a maioria dos quais composta por espinhenses e veraneantes que entre nós se encontram.

Último Sábado de Agosto

Não sabemos — nem interessa averiguar — de quem partiu a iniciativa.

Há mais de trinta anos, um grupo de rapazes espinhenses e veraneantes decidiu juntar-se no último Sábado de Agosto, fazendo nesse dia uma jornada de confraternização, que começou à tarde e acabou com um jantar, prolongado até altas horas.

A ideia agradou, criou raízes, e, pelos anos fora, desde então, o último Sábado de Agosto foi sempre consagrado pelos elementos do grupo para se reunirem e confraternizarem.

Vamos atravessando tempos em que o homem, escravo do seu «modus vivendi» e da teia tecnocrata que o envolve, vai esquecendo o lado humano das coisas.

Por isso a persistência destas reuniões, a manter vivos os laços de amizade criados na juventude, a lutar, pelo menos uma vez por ano, contra o espartilhamento a que a vida sujeita a generalidade das pessoas, a afirmar que os homens se não esquecem uns dos outros apesar de tudo e desejam conviver, dialogar, sorrir descontratamente, constitui exemplo impar, a merecer destaque.

O nosso Jornal, conhecedor do fenómeno, que tem vivido de perto, saúda neste dia todos os seus Amigos membros do grupo que confraterniza hoje e deseja-lhes uma noite Feliz e que a iniciativa se mantenha pelos anos fora, pelo menos com a satisfação e alegria que até agora se tem verificado.

CONCURSO DE CONSTRUÇÕES NA AREIA

Realizou-se no passado sábado na nossa praia mais um Concurso de Construções na Areia, iniciativa há largos anos tomada pelo «Diário de Notícias». Ao contrário do que sucedeu nas edições anteriores, o número limite de inscrições não chegou a ser atingido, apenas tendo participado cerca de noventa crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos.

O júri, constituído por D. Maria Emília Braga e jornalista Pereira Alves, representantes do jornal promotor da iniciativa, pintor Justino Alves, escultor Bernardino Lopes e José Almeida, este em representação da Comissão Municipal de Turismo, fez a devida classificação dos trabalhos produzidos, dando os primeiros prémios aos seguintes concorrentes: Maria Helena Gaspar Marques, 1.ª categoria, dos 12 aos 15 anos; Maria Estela Forjaz Correia de Paiva, 2.ª categoria, dos 9 aos 11 anos e Maria da Conceição Brito Pinheiro e Silva, 3.ª categoria, dos 6 aos 8 anos. A distribuição dos prémios efectuou-se à tarde no Cinema do Casino.

Como nota curiosa, registre-se que a vencedora da primeira categoria é irmã de Maria Armada Gaspar Marques que em 1968 foi a vencedora absoluta do Grande Concurso Internacional de Construções na Areia, realizado em La Baule, França.

O II GRANDE FESTIVAL AERONÁUTICO DE ESPINHO

Realizou-se no passado domingo o anunciado Festival Aeronáutico de Espinho que levou ao Aeródromo de Paramos uma assistência calculada em cerca de seis mil pessoas, mau grado o tempo se ter mantido, desde a madrugada, totalmente encoberto.

Assim o esforço feito pela organização conjunta da Força Aérea Portuguesa e Aero Clube da Costa Verde para proporcionar ao público nortenho um espectáculo aeronáutico, de facto aliciente, foi parcialmente traído pelas condições atmosféricas adversas, obrigando a alterar e a reduzir o programa inicialmente delineado.

Por essas circunstâncias os jactos F-86 da B.A. 5 de Monte Real não chegaram a descolar da sua base e os paraquedistas de queda livre também não chegaram a saltar.

O Festival começou com a largada de 24 paraquedistas, em salto automático, feita em 3 passagens do avião Nord-Atlas.

Seguiu-se uma demonstração das possibilidades operacionais do helicóptero AL-III e que constituiu o melhor espectáculo apresentado.

Finalmente, descolaram dois Harvard T-6 da B.A. 7 de Aveiro que não conseguiram executar o seu número devido às nuvens estarem a 300 metros do solo.

Agenda

FARMÁCIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMÁCIA SANTOS, RUA 19 — TELEF. 920331.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 25 — *A obsessão de Joel Delaney*, com Shirley Mac Laine e Perry King — 18 anos.

Amanhã, domingo, 26 — *Divida de ódio*, com Charles Bronson e Anthony Perkins — 18 anos.

Segunda-feira, 27 — *O Mensageiro*, com Julie Christie e Alan Bates — 18 anos.

Terça-feira, 28 — *Tristana — Amor Perverso*, com Catherine Deneuve e Franco Nero — 18 anos.

Quarta-feira, 29 — *Antes que chegue o inverno*, com Walter Matthau e Deborah Winters — 14 anos.

Quinta-feira, 30 — *Sim, sr. Hulot*, com Jacques Tati e Maria Kimberley — 10 anos.

Sexta-feira, 31 — *Encontro com a desonra*, com Michael Craig e Eva Renzi — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 25 — *Os piratas do arquipélago*, com Kirk Douglas e Samantha Eggar — 10 anos.

Amanhã, domingo, 26 — *A Noiva*, com Antonio Pietro e Elsa Daniel — 14 anos.

Segunda-feira, 27 — *O momento de matar*, com George Hilton e Loni Von Friedel — 14 anos.

Terça-feira, 28 — *As 3 perfeitas casadas*, com Maurício Garcez e Saby Kamalich — 18 anos.

Quarta-feira, 29 — *Vigaristas de alto nível*, com Senta Berger e Joachim Fuchsberger — 14 anos.

Quinta-feira, 30 — *As servas de Drácula*, com Peter Cushing e Mary Collinson — 18 anos.

Sexta-feira, 31 — *As grandes manobras*, com Kathia Christine e Nino Taranto — 14 anos.

Grupo A — maiores 6 anos



ESPINHO

AMANHÃ ÀS 17,30 HORAS

CORRIDA A FAVOR DA LIGA DOS COMBATENTES

MANUEL CONDE
L. MIGUEL DA VEIGA
GUSTAV ZENKL

e o cavaleiro amador

EMÍDIO PINTO

forçados

AMADORES DO RIBATEJO
AMADORES DE CORUCHE

TOIROS

DE D. MANUELA A. SALGUEIRO

8 VENDA DE BILHETES: CASA CAMPEAO, PORTO - TEL. 25134
COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE ESPINHO - TEL. 920911
BILHETEIRA DA EMPRESA, JUNTO A PASSAGEM DE NÍVEL 8

ESPINHO E A CULTURA

APRESENTAÇÃO

Temas de interesse para este suplemento não faltam em Espinho. Em período de férias, parece-nos oportuno tentar enunciar algumas das dificuldades que se deparam a quem pretende ocupar os seus tempos livres em actividades de carácter cultural nesta cidade.

Nesta primeira parte, pois tencionamos publicar uma continuação no próximo número de HOJE, limitamo-nos a fornecer aos que nos lerem uma série de dados que lhes permitam estabelecer uma posição crítica pessoal, tanto mais importante quanto mais activa for. Não pretendemos, pois, apontar soluções definitivas, já que não acreditamos em soluções encontradas a nível mais ou menos individual. Só a colectividade saberá descobrir o caminho mais correcto. Daqui propomos, portanto, uma discussão generalizada quanto a este tema (e outros que se venham a tratar), de forma que todos vamos tomando consciência em comum dos problemas que nos afligem.

No próximo número publicaremos, além de outro material, uma Mesa Redonda entre alguns habitantes desta cidade que reagem um mínimo ao ambiente cultural que os cerca. Gostaríamos, entretanto, de saber se muitos outros reagem. Este suplemento está, tanto quanto lhe for possível, aberto às opiniões individuais ou colectivas de quem se sintam motivado a participar.

Para este número ouvimos, individualmente, os senhores Higino Mendes (H. M.) presidente da Comissão de Turismo, Mário Neves (M. N.), director da Academia de Música e Dr. Pereira de Melo, director da Escola Comercial e Industrial, de cujas declarações extraímos as que nos pareceram mais dados fornecerem para uma interpretação, tanto quanto possível correcta, da situação da cultura nesta cidade.

PORQUE...

«Afirmar-se que uma localidade... dispõe de meios indispensáveis a uma vida cultural aceitável parece-me que constituiria, em quaisquer circunstâncias, uma prova excessiva de boa vontade» (Dr. Pereira de Melo).

«O que se tem feito em Espinho no campo cultural não é muito, não chega.

Temos plena consciência de que é preciso muito mais, mas para isso há que ter possibilidades financeiras» (Higino Mendes).

«O que pode acontecer de pior é que seja a mesma coisa» (Mário Neves).

ENTRA QUEM QUER...

«Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade e de fruir das artes» (declaração Universal dos direitos do Homem).

H. — Parece-nos que o Festival de Música de Verão, pelos locais em que é realizado, não é muito acessível.

H. M. — Há talvez um erro nessa afirmação; é certo que os locais por vezes impedem, isto é, as pessoas é que julgam que são impedidas. Os festivais têm sido realizados no Salão Nobre do Casino de Espinho e agora também no Hotel Praiagolfe e não é necessário que a pessoa apresente cartão de entrada — não é só por convites como já se afirmou publicamente, trata-se apenas dum pró-forma porque as entradas são absolutamente livres, entra quem quer, vestido como quer!

Aliás, desloquem-se ao próximo espectáculo no dia 14 de Setembro e terão oportunidade de verificar que é assim. Não há qualquer exigência de cartão ou convite.

M. N. — Disse-se na D.E. que o acesso aos concertos era limitado a certas pessoas, aos «eleitos». — Sim, em todas as modalidades de arte há esses eleitos! Os locais parecem inacessíveis mas só o são para quem não quer lá ir. Em todo o lado a juventude é aceite de braços abertos.

H. M. — Pôs-me o problema de se ter feito na Praça de Touros o festival de folclore que teve uma assistência de 5000 pessoas. Pois, felizmente e infelizmente, o folclore tem maior público do que um espectáculo de música erudita. As pessoas gostam ao menos de folclore, e isso é já uma actividade cultural. Há público para tudo, mas em muito maior número para estas coisas populares.

H. — Será que a única razão porque a grande massa da população de Espi-

nho não adere é a falta de preparação e de interesse?

H. M. — Não, não é bem isso. As pessoas vão-se habituando. Eu verifico com muito agrado que o número de pessoas a assistir aos espectáculos é muito superior ao de anos atrás.

H. — Nota também maior diversidade no género de pessoas que assistem, ou são sempre pessoas pertencentes a determinados ambientes?

H. M. — Há camadas que se retraem a ir ao Hotel, ao Casino. Mas temos de teimar, pois essas pessoas têm os mesmos direitos das outras. O que não estão é habituadas a ir, têm um certo acanhamento. Estou convencido que hoje já se vê nesses espectáculos gente que não se veria há seis ou sete anos. Já lá vão — tem havido sem dúvida um aumento em todos os aspectos. Mas, gostaria ainda de dizer o seguinte: os espectáculos realizados no Casino ou no Praiagolfe estão a dois passos do nosso «picadeiro» e anda ali muita gente que pode à vontade frequentar o Hotel ou o Casino e não dá dois passos para assistir ao espectáculo.

H. — Numa conversa com o sr. Higino Mendes ressaltou um certo desgosto por se concluir que as pessoas não comparecem a um Festival que tanto custa a realizar. Que pensa sobre isto?

M. N. — A comparência do público é pouca, mas passas-se o mesmo em toda a parte. Porém, se apresentarmos aqui um espectáculo como se tem apresentado todos os anos, uma Orquestra Sinfónica, um Grupo Coral e outros espectáculos de maior envergadura, isso já enche o salão do Casino ou até a Igreja, onde já demos um concerto de música coral que esteve repleto. Ora, estes recitais de piano, violoncelo, isso está mesmo a dizer, é música de câmara, de sala, de pequena sala — era o que antigamente nos Palácios se fazia entre os convidados do Rei.

acústica; o meu sonho era construir no Parque um auditório ao ar livre. Claro, um auditório em Espinho pode ser utilizado poucas vezes — as noites não permitem espectáculos ao ar livre devido a condições climatéricas que levam as pessoas a debandar. Não temos tido dificuldades em utilizar as salas quer dos Casino, quer do S. Pedro, e este último chegou a alterar os seus programas para nos ceder a sala, pelo que estamos gratos. Quanto ao futuro, oxalá se possam arranjar outros locais, mas, os existentes não se revelaram ainda, e infelizmente, insuficientes na questão de espaço.

M. N. — Agora com a facilidade do Praiagolfe que nos abriu as portas, é mais uma promoção e já há melhor acolhimento pelo público que gosta de ir até ao Praiagolfe e aproveita para ouvir um bocadinho de música.

H. — Falando de recintos, notar-se-á a falta de um recinto especial para audições e mesmo discussões teóricas, colóquios, etc.?

A AMBIENTE CULTURAL

«Em muitos casos, o tédio, a apatia ou agitação, a indiferença ou a revolta dos jovens derivam directamente da falta e da pobreza das actividades e dos equipamentos extra-escolares. Esta indigência é ainda mais inaceitável pelos jovens na medida em que eles sabem muito bem que somas enormes são absorvidas por outras despesas dos Estados, algumas delas absolutamente

M. N. — Já tenho lembrado uma concha acústica que talvez se conseguisse com a ajuda da Gulbenkian. Seria ideal arranjar um auditório onde se pudesse discutir as bases teóricas de obra musical.

H. — Que pensa da utilização da Praça de Touros que tem características de recinto popular e condições acústicas óptimas?

M. N. — Já pensei. Mas, claro está, será arriscado. Se se tratasse de um Festival de música Pop, a rapaziada juntava-se ali toda, mas isso é um género de que me alheio, embora pudesse participar porque tudo é música.

H. — Entende que a forma como se tem tentado atrair a juventude é a mais indicada?

M. N. — Não, mas, isto é a forma tradicional e corrente de se dar os espectáculos. Uma iniciativa para alterar esta forma de espectáculos seria audaciosa. Mas se houver alguém que ajude faremos espectáculos para a juventude. Isso era o ideal.

improdutivas e consagradas a fins eminentemente destruidores. A educação extra-escolar continua a ser ainda, com frequência, benefício de uma minoria privilegiada. É preciso pôr ao alcance da grande, da enorme maioria dos jovens, toda uma gama de distrações e de actividades que reünam condições de interesse» (René Maheu — Director geral da UNESCO).

H. — O tipo de propaganda que se tem feito na TV, na rádio, fora de Espinho não será mais destinado a criar uma imagem da cidade do que a atrair as pessoas da terra às realizações culturais?

H. M. — Não, a TV chega a toda a parte e também à terra. Muita gente em Espinho não vê os anúncios, não repara nos cartazes, mas ouve a TV e a rádio. Assim há duas vantagens: conseguimos ao mesmo tempo arrastar as pessoas para o espectáculo e tirar partido para a propaganda da cidade. Não é só criar uma imagem que engane as pessoas acerca do que é Espinho nesse aspecto. O que é preciso é que toda a população, do país, até, vá sendo mentalizada e habituada a assistir e gostar destes espectáculos. O gosto adquire-se com a frequência.

H. — E, no que se refere a realizações culturais, irá tudo continuar nos moldes agora seguidos?

H. M. — Para esta época não há qualquer alteração a fazer. A nova época começará a ser estudada nos princípios do ano, mas neste momento nada posso dizer de concreto porque todos os elementos da Câmara terão de ser ouvidos. A minha opinião é que se procure modificar para melhor. Se por vezes as coisas não resultam é porque dependemos também da colaboração de outros. Neste momento é um pouco prematuro estar a dizer o que se irá fazer.

M. N. — O ambiente cultural cá na cidade é razoável, talvez um pouco acima de muitas cidades que conheço com a mesma dimensão. Nos aspectos musical e do ensino de línguas não encontro cidades com tão fácil acesso à cultura.

H. — Acha, portanto, que a juventude Espinhense encontra na cidade formas válidas ocupar os tempos livres?

M. N. — Pois encontra. Fora do Liceu, aqui na Academia, podem dedicar-se à Música e Ballet; na Académica e Sporting ao desporto e tudo isso é interessante. A juventude, tendo vontade de estudar, educar-se, aprofundar-se na cultura, tem um ambiente óptimo que poucas cidades têm, como mostram as estatísticas do M. E. N.

H. — Entende pois que a Academia está ao serviço e é acessível à grande maioria das camadas jovens?

M. N. — Absolutamente. Claro que não temos aqui secção de música Pop. Temos aqui juventude que se dedica a tocar um bocadinho de piano, de violino, guitarra clássica...

H. — Não haverá uma limitação de entradas na Academia a classes menos favorecidas economicamente?

M. N. — Temos aqui algumas dezenas de alunos que não pagam. São dotados, têm acesso, são bolsiros da Academia e da Fundação. Estamos aqui há doze anos e mantemos uma mensalidade facilitada — cem escudos por mês hoje não é nada. Qualquer pessoa tem acesso fácil sob o aspecto monetário. Claro está que falta muita coisa aqui, entre outras coisas um auditório para música gravada.

H. — Disse-nos que os espectáculos de maior envergadura são os que têm maior frequência. Aqui em Espinho realizam-se um ou dois por ano. Porquê tanta pobreza?

M. N. — Eu não vejo tanta pobreza. Poderá haver mais, mas não vejo outra localidade com mais espectáculos que nós.

H. — No que se refere à Academia, as actividades de ordem cultural referentes à juventude irão processar-se futuramente nos moldes até agora seguidos?

M. N. — Para trás não andaremos, o que pode acontecer de pior é que seja a mesma coisa.

NO PRAIAGOLFE...

H. M. — Vai-me dizer: Se os espectáculos fossem feitos na Praça de Touros...?! Estou absolutamente convencido que a Praça ficaria com um aspecto desolador porque o nosso povo ainda não está, na grande maioria, educado para estas manifestações artísticas. São coisas de base, coisas que têm de vir de baixo, agora é que se está a trabalhar alguma coisa neste campo e estou convencido que daqui por uns

anos vai acontecer com os espectáculos de Ballet, concertos de Orquestras Sinfónicas, etc... o que hoje acontece com o folclore. Isto depende do número de espectáculos que houver. A Academia e a Comissão de Turismo podem fazer pressão para levarem esses espectáculos a outros recintos. Um espectáculo destes não pode ser feito numa Praça de Touros; os Pavilhões Gimno-Desportivos têm um problema muito grande: a

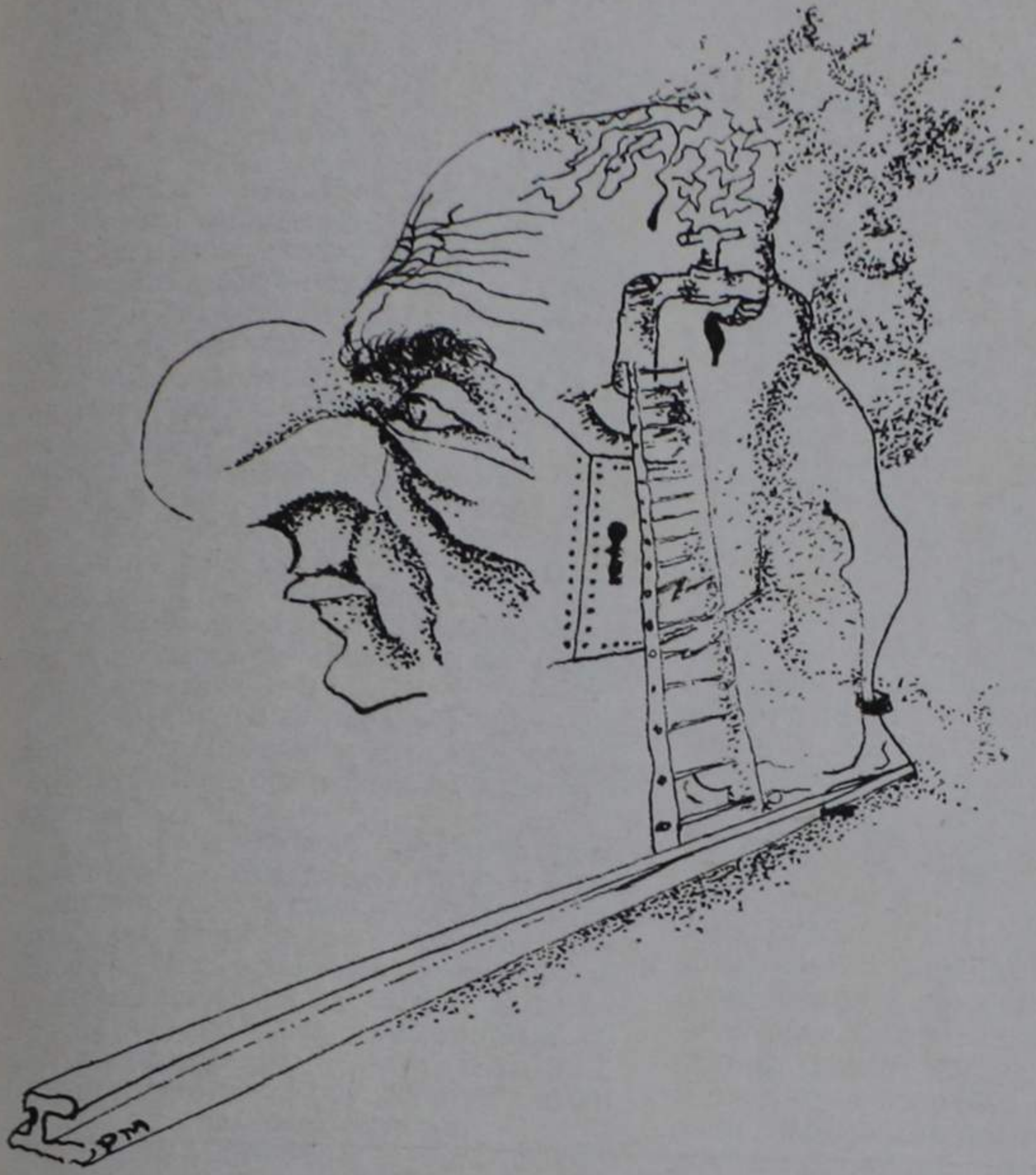
HOJE
SUPLEMENTO

ELABORADO POR:

ANTÓNIO SANTOS

JORGE CATARINO

PAULO MARIA



QUE CULTURA?

ESPINHO DISSE SIM

H. M. — Pedimos uma série de espectáculos na praia, espectáculos com um mínimo de nível educativo até porque não eram espectáculos feitos por qualquer feirante sem a mínima noção do que representa o teatro para crianças. Entretanto surgiram problemas no Teatro Experimental do Porto, única colectividade que se dedica ao teatro infantil no norte, coisa que não acontece em Lisboa, onde há uma série de organizações com essa actividade, que muito nos interessaria ter aqui. Simultaneamente, houve na A.A.E. um movimento para pôr de pé um espectáculo de robertos e marionetes. Deslocou-se a Espinho um professor do IMAVE, fez-se um espectáculo gratuito, ensinou-se até a fazer bonecos, mas tudo fracassou.

— Tínhamos programado para 2 de Agosto um espectáculo pelo grupo Verde Gaio, por proposta do SEIT. Com grande surpresa nossa, e depois de

grande trabalho, recebemos a comunicação de Lisboa de que tinha ficado sem efeito, por problemas de última hora, a digressão do Verde Gaio pela costa. Infelizmente, um mal nunca vem só: o espectáculo pelo Grupo Gulbenkian de Bailado, integrado no Festival de Música, ficou sem efeito, porquanto, sendo necessários três espectáculos para justificar os encargos da deslocação, das três cidades previstas como possíveis locais de realização apenas Espinho disse sim. Queríamos o espectáculo, custasse o que custasse.

M. N. — Se as entidades nos ajudarem podemos ter um espectáculo só para a juventude. Vem cá a orquestra do IMAVE com a orientação do maestro Atalaya, como se tem feito muito em Lisboa. Aqui, na provincia, será um pouco mais difícil. Somos sempre enteados, não é?

VERÃO OU INVERNO

Todos temos consciência de que a pobreza cultural de Espinho se torna ainda mais evidente no Inverno. Será que a cultura deve estar ao serviço do turismo, ou será este que, com as taxas e impostos que sobre eles reace, deve ajudar a diminuir as dificuldades de verbos? Acreditamos ainda, e apesar de tudo, na possibilidade de motivar as pessoas para a cultura. Não esquecemos que em pleno inverno os colóquios na

A.A.E. foram um pólo dinamizador da diminuta vida cultural de Espinho. A população fixa da cidade merece uma atenção toda especial, e entre ela a parte mais jovem, a qual no Verão se dispersa mais facilmente e muitas vezes em actividades desprovidas de qualquer interesse. Ora, uma acção cultural iniciada num período vazio de atracções, teria, parece-nos, mais possibilidades de se afirmar junto dos jovens.

— X —

Inverno, estando as pessoas mais disponíveis, seria mais fácil...

H. M. — Discordo em que as pessoas estejam mais disponíveis no Inverno, porque a pessoa que passeia no «Picadeiro» ou à beira-mar, está mesmo disponível e no Inverno acontece, normalmente que as pessoas ficam comodamente em casa pois viciaram-se na TV e não se deslocam. Mesmo nos espectáculos desportivos se nota cada vez maior ausência de público, que se limita geralmente aos familiares dos atletas. Vamos ver um jogo de Vólei e estão os jogadores os responsáveis e a polícia. E o que acontece com o desporto acontece com a cultura. As pessoas estão a cair num comodismo.

dispõe de meios mais poderosos para desenvolver uma acção positiva.

H. — Segundo já referiu, o ideal seria termos nos espectáculos de música erudita, uma tão numerosa assistência como se viu no folclore. Acha que a

APOIO OFICIAL

O apoio oficial às realizações culturais é indispensável, dadas as habituais dificuldades de entidades privadas porventura interessadas na democratização da cultura. O sistema dirigente, se bem que menos imaginativo e empreendedor,

Conversa com Elementos do Coral de Letras

Quando tínhamos já algum material para este Suplemento, apanhámos à saída do Casino o Ribeiro, o Jaime, o Abrunhosa e outros elementos do Coral de Letras da Universidade de Coimbra, com os quais mantivemos um diálogo informal, donde ressaltaram opiniões, de carácter meramente pessoal, acerca do espectáculo que o Coral acabava de dar no Salão Nobre. Dessa conversa reproduzimos alguns extractos que muito importam ao tema desenvolvido no Suplemento.

— Porque razão aparecem vocês aqui, hoje?

— Durante todo o ano damos uma série de espectáculos, por vários pontos do País, que consideramos uma tentativa de divulgação popular da música, porquanto há uma dificuldade tremenda de acesso de determinado público à música que cantamos. Normalmente, o público dos nossos espectáculos é um público de substracto nitidamente burguês, com uma ou outra excepção. Vimos, também, porque nos interessava dar um espectáculo de «rodagem» antes de irmos para Itália onde vamos participar num concurso.

— Quais foram, concretamente, as dificuldades com que depararam, antes do início do espectáculo?

— Quando chegámos demos com o nariz na porta. Estava lá o porteiro a dizer que só podíamos entrar de gravata, camisa e casaco. Ficámos lá um bocado, à entrada. Entretanto, chegou um dos organizadores e nós recusámo-nos, não só a dar espectáculo de fato, como a dar o espectáculo se o público fosse obrigado a essa formalidade e se a entrada não fosse livre, como aliás tínhamos exigido expressamente quando fizemos os contactos com a Organização. Surgiu depois o inspector de espectáculos, e lá consentiu a coisa.

— E não notaram qualquer restrição à entrada do público, posteriormente?

— Sim, isso não. Mas, entretanto, levantou-se o problema dos convites, pois, segundo o porteiro, só se podia entrar com convites. Nós fomos, então, junto da Organização e pôde entrar qualquer pessoa sem convite.

— Eu, pessoalmente, não gostei desta experiência, mas pode haver elementos que tenham gostado.

— Diz-se que a democratização da cultura passa forçosamente pela renovação de mentalidades, o que só se conseguirá a partir de um trabalho de base. Será que o vosso papel como grupo coral se inscreve nesse tipo de trabalho?

— Não somos nós que, através das nossas cantilenas, vamos modificar a cultura do povo português.

— Eu discordo disso. Pois, assim, seria o fracasso total da nossa actividade. Eu acredito na pedagogia. Mas, é evidente que um público, habituado a ser massacrado diariamente pela rádio com toda a porcaria que existe neste país de nacional cançonetismo, não vai ouvir Bach como ouve o António Calvário. É evidente que será preciso um trabalho extraordinário de preparação. O que é preciso é um trabalho de ensino que nós temos, talvez, cumprido mal. É importante que a população portuguesa conheça a música que cantamos. O problema está em como a apresentar. Ainda há bocado eu dizia que nós nem burguesia culta temos; vê-se declaradamente que nem a própria burguesia em Portugal tem um mínimo de cultura habitual em qualquer país Europeu. Apesar de tudo, temos tido experiências de públicos que reagem, epidermicamente, a certa música que nós cantamos. O que é preciso é

(Continua na pág. 7)

NA ESCOLA

Entrevista ao Director da Escola Comercial e Industrial

— Na sua qualidade de habitante de Espinho, considera que dispõe nesta cidade dos meios indispensáveis a uma vida cultural aceitável? Que tipo de carências lhe surgem como mais evidentes?

— Afirmar-se que uma localidade ou uma região dispõe de meios indispensáveis a uma vida cultural aceitável parece-me que constituiria, em quaisquer circunstâncias, uma prova de excessiva boa vontade; de facto a cultura de tal modo se caracteriza pelo dinamismo e mobilidade no sentido de mais e melhor, que não ousa afirmar estar satisfeito por, porventura, termos os meios e as estruturas necessárias para uma vida cultural. Mas, continuando do mesmo modo a pretender ser realista, é incontroverso, que a cidade de Espinho não é neste campo, como, aliás, em outros, um «deserto»; assim o atestam a existência da Academia de Música, Sporting, Académica, Biblioteca Gulbenkian, etc.

— Como directamente interessado na formação de grande parte da juventude espinhense, acha que essa mesma juventude é motivada para a participação (activa) em actividades culturais? Ou será, face às circunstâncias, vítima de

falta de planeamento cultural, ocupando os tempos livres em cafés, recintos de jogo, etc.?

— Até há cerca de 3 anos o trabalho junto da juventude escolar com o objectivo de lhe proporcionar oportunidades para a sua formação humanística enquadrava-se, quase exclusivamente, no âmbito das actividades circum-escolares da M.P. Considerou-se, então, que a M.P., por circunstâncias várias, não correspondia já, inteiramente, às motivações da juventude da nossa época, em virtude do que foi decidido criar, paralelamente a sua manutenção, o Secretariado para a Juventude, com novos processos de trabalhos e objectivos diferenciados. Parece-me, porém, que os centros do Secretariado só depois da fase de criação e estruturação, na maior parte dos casos ainda em curso, poderão atingir plenamente os objectivos visados. Então, sim, creio que a juventude poderá ser desviada dos locais e actividades pelos quais actualmente se dispersa, muitas vezes sem qualquer benefício para a sua formação.

Assim, reconheço perfeitamente que

(Continua na pág. 7)

actuação da Câmara e da Academia tem sido a mais correcta no sentido de tentar atrair mais as pessoas?

H. M. — A organização é da Academia de Música. A Câmara através do Turismo, paga todas as despesas para que se possa realizar o Festival. A Academia, por seu lado, tem feito larga propaganda das realizações.

H. — Parece, portanto, que o papel da administração tem sido esperar as realizações privadas e apoiar com subsídios.

H. M. — Não, não é só isso, pois já temos tomado a iniciativa. Senão veja-se a atenção que temos prestado ao teatro para crianças, cujas realizações fracassaram por razões alheias. Também o festival de Folclore, é o que é já quantitativamente um êxito — Salão Nacional de Fotografia de Espinho — foram iniciativas nossas. Aliás, a colaboração com as entidades privadas pode ser muito proveitosa.

H. — E, futuramente, a administração tencionará prestar mais atenção e

apoio às diversas tentativas privadas, no sentido cultural?

H. M. — Eu sei a que se refere, à secção cultural da A.A.E. As tentativas da secção cultural têm morrido por falta de gente para colaborar. Ainda há pouco tempo a A.A.E. teve uma prova de compreensão por parte da Câmara, que não hesitou em pagar todo o material necessário para pôr a funcionar as Salas de Estudo. Apesar disso também essa iniciativa morreu. Não posso falar pela Câmara, mas como seu elemento posso adiantar que qualquer colectividade que se proponha levar a cabo o que quer que seja, no campo cultural, terá todo o apoio possível.

H. — A Academia tem tido o apoio da Câmara?

M. N. — Nesse aspecto, tanto a Câmara, na parte educacional, como o Turismo, na parte dos Festivais, nos dão subsídios. Sendo agora Espinho uma cidade, aguardamos que esse subsídio passe a ser digno de um estabelecimento também digno de uma cidade.

CORFI

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

COTESI

COLÉGIO DE N.ª S.ª DA CONCEIÇÃO

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
Musica com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 - ESPINHO

CAVALHEIRO, Solteiro, com 58 anos, com meios de fortuna, deseja conhecer senhora solteira ou viúva, de 35 a 40 anos, de boa reputação, para fins matrimoniais.

Resposta à redacção ao n.º 21

CASA LUCIANA ≡ Boutique

Rua 19 n.º 318 - ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos "SÓBRINCA" e dos artigos de viagem "TAURO"

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,
Calçado, Artigos de Fantasia - NOVIDADES!

Empregada

Oferece-se para balcão.
Sem prática. Idade 16 anos.
HABILITAÇÕES: 4.ª classe.

Carta à redacção ao n.º 15

CACHORRO

Fox-pincher, todo preto com alguns cabelos brancos no peito e patas, desapareceu da Praia da Seca há alguns dias.

Gratifica-se quem o apresentar ou denunciar, e procede-se a todo o tempo contra quem o retiver.

Tratar R. 62 n.º 76

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis
Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

Garagem Espinho-Praia, L.da

(Serviço Móbil)

Rua 15 - Tel. 921333 - ESPINHO
Residência Telef. 964194

TERRENOS

Para construções no lugar de Idanha e da Lagarta-Anta-Espinho, com 6 000 e 4 000 m.², aproximados e respectivamente. Ótimos para fábricas ou habitações, com abundância de águas.

Tratar com

Carlos Ventura Gomes Pinto
Além do Rio-S. Félix da Marinha-Gala
Telefone n.º 962 569

- ▲ ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ▲ ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII



JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 - Tel. 921325 - ESPINHO

PROFESSOR

Diplomado de ensino secundário particular lecciona, e recebe em sua casa até 2 alunos do ciclo preparatório.

PROFESSORA

De Francês e Inglês
Teórico e prático

Rua 18 n.º 996 - ESPINHO

Bons Estabelecimentos

À beira-mar, na esplanada, junto ao Hotel Praiagolfe, alugam-se. Falar no local ou por telefone 92 09 74, das 15 às 18 horas.

Livraria - Papelaria ACADÉMICA

Artigos Escolares-Escritório
e Posters

Rua 31 n.º 729 ESPINHO

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

HOJE

NA ESCOLA

(Continuação da pág. 5)

ainda se está numa fase inicial da execução de um planeamento cultural para a ocupação dos tempos livres da juventude escolar; problemas cujas dificuldades também têm muito a ver com as carências de instalações e, sobretudo, de gente qualificada para organizar secções de cinema, teatro, música, folclore, jornalismo, xadrez, etc.

Perante todas as afirmações, creio poder concluir que a juventude espinhense também sofre as carências apontadas, ainda que surjam boas vontades que alguma coisa vão fazendo, sentindo-se, no entanto, as dificuldades resultantes das carências citadas e da ausência de planeamento.

— Como encara a possível responsabilidade dos estabelecimentos de ensino no baixo índice cultural da juventude espinhense?

— A resposta dada à pergunta anterior contém já o que penso sobre o tema que agora me é proposto. Poderei, no entanto, acrescentar ou reafirmar que estamos na firme disposição de renovar e incentivar todos os esforços para procurar corresponder às necessidades da juventude espinhense, procurando denodadamente resolver e, se possível, ultrapassar, as carências já citadas.

— A recente elevação a cidade veio tornar ainda mais evidente as deficiências estruturais do aparelho cultural de

Espinho. Quer apontar algumas sugestões quanto a um futuro plenamente cultural, indicando, ao mesmo tempo, o papel que nesse planeamento caberá aos estabelecimentos de ensino?

— A população escolar de Espinho ao nível do Ensino Preparatório e Secundário atinge já os três mil alunos. Este número torna evidentes as responsabilidades que também cabem aos estabelecimentos de ensino na vida cultural de Espinho. Por conseguinte, o problema é fundamental para nós. Numa opinião muito pessoal, entendo que só podemos corresponder às exigências da situação e equacionarmos aquilo que a juventude local pretende; pois não é verdade que, em última análise, essa juventude será a principal interessada? Assim sendo, teremos de auscultar através do contacto directo professor-aluno, tendo sempre em vista os objectivos gerais do M. E. N. Daí resultará, sem dúvida, uma adaptação do plano geral do Secretariado aos condicionamentos locais e, por consequência, estará — ao que julgo — encontrado o caminho a trilhar. Do que fica dito se infere que a criação das referidas secções nos estabelecimentos de ensino podem constituir uma peça fundamental do «aparelho cultural» capaz de dinamizar e progredir.

CORTES E RECORTES

A imprensa brasileira noticiou que dentro dos próximos seis meses toda a lagoa de Maricá, a segunda maior do Estado do Rio, estará inteiramente dragada e as suas águas poderão ser aproveitadas para pesca desportiva, passeios de barco e competições náuticas.

E a notícia continua informando que o principal objectivo da dragagem é evitar a poluição provocada pelo assoreamento nas entradas da lagoa.

Ao lermos esta notícia estávamos a lembrar a Lagoa de Paramos que fica a tão curta distância de Espinho, logo ao lado dos terrenos do Aero Clube da Costa Verde e que para ali está abandonada da iniciativa oficial e da privada. E é pena que não se saiba ou se tarde em aproveitar tão magnífico dote natural com interesse turístico.

*

Outro recorte que nos parece oportuno transcrever retirámo-lo dum jornal italiano referindo-se à poluição na ilha de Córsega, que foi comprada pela França à Itália em 1768.

Segundo a notícia, jovens da Córsega organizaram uma manifestação de protesto contra a França que permite que indústrias estrangeiras poluam as águas da ilha, reduzindo os ganhos dos pescadores locais.

É mais uma manifestação que resulta do descontentamento provocado pela poluição e que igualmente nos faz avivar a necessidade de se defender a nossa costa dessas «ondas negras» carregadas com resíduos de petróleo, que investem as praias.

Mas defender, como? Esta é uma pergunta que já anda no ar há muito tempo sem que se obtenha qualquer resposta por parte das entidades relacionadas com o assunto.

E porquê? Por negligência de serviços? Por interesses que não convêm perturbar?

A. A. G.

Conversa com Elementos do Coral de Letras

(Continuação da pág. 5)

ensiná-lo a passar desse conhecimento superficial de música a um conhecimento que os leve a ouvir Bach e outros.

— Só para esclarecer o que o meu colega disse: hoje, no espectáculo, aconteceu que a peça mais fácil que nós levávamos, de efeito mais simples — o «Trai-Trai», de João Brandão — foi precisamente a que foi mais aplaudida e até bisada, ao passo que o «Lamento de Ariane», que é uma peça com muito mais peso, passou quase despercebida. Isso é revelador, portanto, do nível de cultura musical das pessoas que nos ouvem.

— Postos no dilema de continuar a actuar para esse tipo de público ou desistir, qual é a vossa posição?

— Para já parece-me que é um pouco prematuro responder a essa pergunta. Talvez para o ano já o pudéssemos fazer. No entanto, temos de continuar a manter uma certa dose de compromisso.

— O compromisso é mesmo a condição da nossa existência.

— O que verificamos é uma certa impossibilidade de actuação, uma dificuldade em arranjar espectáculos que nos interessem, sobretudo conseguir chegar ao público.

— Temos cá pavilhões que não deviam servir por causa da acústica. Mas há o recinto da tourada, com uma acústica formidável.

— Acho que é possível apresentar num recinto desses a música que nós cultivamos. Aliás já temos experiências das nossas actuações em recintos do género. Estamos mesmo dispostos a sacrificar um pouco das condições acústicas para permitir o acesso da nossa música a uma população maior.

— E o mais barato possível, sobretudo.

— Portanto, vocês encaram a vossa música como tendo um fim didáctico ou recreativo?

— Encaramos sob o ponto de vista formativo. Evidentemente que tudo isso está entrecruzado. O que nós nos perguntamos é como atingir o público que queremos. Mas é um problema para o

qual não temos solução, por enquanto. E, aliás, nem podemos ser nós a dar a solução.

— Um problema que também tem interesse e que temos já discutido é saber se devemos cultivar um género de música difícil ou então uma música mais acessível ao povo em geral. E acabámos por optar pela primeira hipótese, até porque temos dificuldades na escolha de repertório de autores portugueses. Para além de Lopes Graça é quase um desastre.

— E há outro aspecto: qual a maneira de utilizar a música coral para fins que não sejam exclusivamente o divertimento? Quem se quer divertir, exclusivamente, compra os discos. O problema põe-se em dar uma perspectiva da principal música coral conhecida e inscrevê-la em determinadas ideias que nós temos acerca do que é a música e a sociedade em que vivemos.



Quando vir este símbolo,
então saberá que pode
contar com um Serviço
Bancário completo.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

J. PINHEIRO DE MORAIS

MÉDICO

Clínica Geral

Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390

Telef. 920452

ESPINHO

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º. — Tel. 921024

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Pinto de Matos

Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Ausente em Inglaterra

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218

ESPINHO

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014

Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º — PORTO

Telefone 33868

Em Breve...

III

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 8 às 24 h.)

ESPINHO

Centro de Enfermagem de Espinho

Uma Organização

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Amadeu J. Morais

CANDIDATO A ADVOCACIA

ESCRITÓRIO:

Rua 62-n.º 175 — ESPINHO

CONSULTAS ÀS — 2.ª 4.ª 5.ª das 17 às 20 horas

Dr.ª Emilia Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

DR. SECO JULIÃO

Médico

Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq. Telef. 920807

às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora marcada a partir das 15 horas

Medicina Laboratorial

DR. VICOR HUGO

Rua 19 n.º 178-1.º Esq.—Tel. 920807

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.ªs e 6.ªs feiras com hora marcada

DR. SEBASTIÃO RIBEIRO

Médico Especialista

Doenças do Coração

Consultório — Rua 19 n.º 178-1.º Telef. 920807

às Quintas-feiras a partir das 15 horas c/ horas marcadas.



GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O
NORTE
SE
DIVERTE!

• MÚSICA DE BAILE •

Pelos apreciados Conjuntos de

JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO

e LOS WINDY'S (espanhol)

• VARIEDADES •

BALLET DE PEPE LARA

Bailados espanhóis

VITÓRIA MARIA

FADISTA

REGEN'S

Marionetas

TEBAS

Equilibrista

• MÚSICA E DANÇA •

NO SALÃO DE FESTAS NO RESTAURANTE
Restaurante (M/ 14 anos) "Boite" (M/ 21 anos)

JANTARES CONCERTOS

Esmerado Serviço

NO SALÃO DE FESTAS

Matinéas Dançantes (M 6 anos)

Aos DOMINGOS às 16 horas com o

QUARTETO TONY SAMPAIO

SLOT - MACHINES

• CINE-TEATRO •

SESSÕES TODOS OS DIAS

Dia 29 de Agosto

FESTIA EXTRAORDINÁRIA

JUAN MANUEL SERRAT

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO-CELULOIDE

de

Henriques & Irmão, L.ª

☆

APARTADO 22

TELEFONE 920070

☆

ESPINHO

desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

G. A. V.

o exemplo que nos vem de Ovar

O Caderno do Jornal de Notícias de 12 do corrente dedicou uma das suas páginas ao Grupo Atlético Vareiro, colectividade que há uma dezena de anos nos habituamos a respeitar. Batemos algumas vezes disputando o Campeonato Regional de Aveiro de Andebol de Sete. Hoje o Atlético Vareiro abandonou a actividade desportiva puramente competitiva e dedicou-se a uma obra social bem mais importante.

Clube com poucos associados (cerca de 900) que apenas recebe subsídios de uma empresa e de um sindicato, para que os filhos dos seus empregados e sócios possam praticar ginástica, uma vez que a não têm nas escolas que frequentam.

A actividade mais importante é a promoção escolar. O seu campo assistencial abrange uma trintena de crianças, pagando-lhes as propinas, ministrando-lhes explicações, transportes e alimentação quando estas sejam de evidente necessidade. Tudo gratuitamente.

Quanto a Cultura Física, essa secção está reduzida a uma classe de ginástica infantil com cerca de 80 % das crianças a frequentar o ginásio gratuitamente. O G. A. V. envolve já meio milhar de crianças quase todas provenientes da antiga classe piscatória. As pessoas cujos filhos não têm quaisquer necessidades não se aproximam do G. A. V. No aspecto infantil o clube procura promover ainda: sessões de cinema comentadas, iniciação à pintura e à arte, moldagem de barro, etc., chegando a ter cursos ministrados por alunos da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. As crianças por seu lado colaboram activamente na gestão do clube, chegando ao ponto de constituírem uma direcção auxiliar.

Quanto à promoção cultural do associado ela processa-se através de sessões de cinema comentadas por conhecidos cineastas e críticos, e ainda conferências e outras actividades culturais.

Adivinhemos as dificuldades do Atlético Vareiro. As populações alheiam-se duma maneira geral a este tipo de manifestações por nítida falta de preparação. Ovar tem 16 mil habitantes e o G. A. V. apenas 900 associados.

É necessário que ao programa que anima o clube — «a criança faça a auto-aprendizagem duma vivência em comunidade, que sintam uma vida associativa e em tudo tenha presente um apurado sentido crítico» — seja dada prioridade absoluta. Se as nossas crianças aprenderem este programa, então sim, dentro dumas dezenas de anos teremos homens perfeitamente conscientes dos seus problemas.

Que o exemplo do G. A. V. frutifique e que outras colectividades do mesmo género lhe sigam as pisadas. É difícil, disso temos a plena consciência.

Mas é sempre possível fazer qualquer coisa...

R. S.

FUTEBOL

A bola já salta no Campo da Avenida

Conclui-se hoje a segunda semana de preparação dos futebolistas seniores do Sp. de Espinho. Enquanto que na primeira os esquemas se resumiam a preparação física, nestes últimos dias já houve exercício com bola incluindo os chamados treinos de conjunto.

Sob a orientação do treinador Francisco Andrade, que, para já, se nos revelou como excelente preparador físico, os futebolistas do Sp. de Espinho têm-se dedicado aos trabalhos com muito entusiasmo, integrando-se agora com certo à-vontade numa preparação que, para a grande maioria, é bem mais puxada do que aquela que lhes era habitual, nomeadamente na época passada.

Nos treinos têm aparecido caras novas. Logo de início anotámos a presença de Djalma, brasileiro bem conhecido do público do futebol e de Acácio, jogador de meio-campo (ex-Porto e ex-Tirsense). Mais tarde apareceram Helder Herno (ex-Guimarães e ex-Porto) e Ferreira da Costa (ex-Porto). A estes jogadores tem-se juntado a maioria dos que alinharam na época anterior, à excepção de Ribeiro, que pelos vistos não fará parte dos quadros do Clube este ano, mas cuja saída será compensada pelo regresso de Artur Augusto — actualmente no Ultramar, donde deve regressar no próximo mês de Setembro.

Anote-se também a presença de alguns juniores da época 72/73, a demonstrar todo o interesse que há em manter as categorias jovens dentro do Clube, como viveiro donde sairão sempre atletas com todo o jeito para as categorias superiores.

Atendendo ao trabalho que se tem podido apreciar, feito pelo técnico e jogadores, e aquele que se sabe andar a ser feito por uma dedicada equipa de dirigentes, tudo leva a acreditar numa boa presença no campeonato que se avizinha a passos largos.

O basquetebol ressurgiu em Espinho. Cerca de 40 miúdos têm aparecido todos os sábados à tarde no Pavilhão Arq. Jerónimo Reis a iniciarem-se na técnica de tão completa modalidade, sob a orientação entusiástica de Agostinho Silva.

Espera-se que, com uma secção devidamente organizada, seja possível formar uma equipa de juvenis e outra de juniores, que desde já garantem presenças agradáveis nas competições oficiais.

A Académica de Espinho dá outro grande passo para a valorização do desporto local e oferece mais um serviço em favor da juventude espinhense.

Jovem: o basquetebol espera por ti.

b o l a
a o
l a d o

★
Prevê-se que no final desta época balnear cerca de centena e meia de crianças tenham aprendido a nadar na Piscina Solário Atlântico.

Integradas em cursos organizados pela Académica e pelo Sporting, bem como pela delegação local da M.P., os jovens, não só de Espinho, mas muitos outros que escolhem a nossa praia para as suas férias, valorizam-se com uma actividade física que devia constituir uma obrigatoriedade nas idades juvenis.

★
Enquanto não surge a atitude decisiva que leve o Sp. de Espinho à construção do seu estádio, é necessário valorizar o Campo da Avenida em pormenores considerados de primeira necessidade. Neste sentido vai começar, brevemente, o levantamento de uma bancada metálica, comparticipada em 50 % pelo Governo Civil de Aveiro.

Contava-se com um maior subsídio por parte daquela entidade civil e entretanto fica a aguardar-se que as entidades desportivas também contactadas subsidiem uma obra bem justificada.

A. A. G.

COMUNICADO

A direcção do S.C.E. comunica aos seus associados que os treinos de futebol passarão a ser efectuados temporariamente à porta fechada, por razões de ordem técnica, a partir de 26 do corrente.

Espera-se a melhor compreensão e colaboração da massa associativa, a bem dos reais interesses da colectividade.

Saúda-se nesta oportunidade todos os associados e adeptos do S.C.E.

Um exemplo a seguir

No semanário «O Ilhavense», lemos recentemente, a seguinte notícia, incluída no resumo do que se passara na última sessão camarária de Ilhavo: «Pelo Fundo de Fomento da Direcção-Geral dos Desportos foi concedido à Câmara Municipal de Ilhavo um subsídio de 1000 contos, para a construção duma Piscina aquecida, a qual deve estar concluída em Julho de 1974».

Lemos e ficámos a pensar quando poderá Espinho orgulhar-se de coisa semelhante. Quando a nossa Câmara pensou em introduzir grandes modificações na Piscina Solário Atlântico, o projecto então elaborado não descurava a criação de tanques cobertos, com água aquecida. Mas, por razões já sabidas, tal projecto, que era grandioso e via em largo, foi chão que deu uvas.

Os nossos clubes desportivos têm aproveitado as facilidades concedidas pela Câmara para manter, na Piscina Municipal, escolas de natação, mas tal

so pode acontecer durante a época estival, que entre nós é extremamente curta. Daí que a sua actividade educativa se não possa alargar e ainda que não possa pensar-se a sério em levá-la ao ponto de encargar a entrada em competições desportivas. Para tal, necessário se tornaria dispor de um tanque coberto e com água aquecida que funcionasse durante todo o ano, indiferente às mutações climáticas.

Sabemos que o orçamento municipal está bastante sobrecarregado, mas não poderia a nossa Câmara, seguindo o exemplo da sua congénere de Ilhavo, lançar mãos à obra e fazer uma tentativa decidida neste sentido? O Fundo de Fomento do Desporto, que tanto ajudou os nossos dois clubes a erguer os seus pavilhões gimno-desportivos, por certo não se furtaria a dar o seu valioso contributo para que uma piscina coberta, municipal, na nossa cidade se transformasse numa realidade.

ÚLTIMA HORA

No momento em que encerrávamos este número do jornal, tivemos conhecimento de que será dispensado, pelo Sp. de Espinho, o avançado Momade, ao mesmo tempo que se procura recrutar o extremo-esquerdo Malagueta (ex-Porto).

Também chegou à nossa Redacção a notícia de que no próximo dia 1 de Setembro, sábado, à noite, haverá no Campo da Avenida, o jogo S. C. Espinho — F. C. Porto, que servirá para apresentação da equipa local já integrada com todos os reforços para a próxima época.

Os filmes da semana

Um dos propósitos que orientou a criação da secção de cinema da D.E. foi «Informar, salientar os filmes que sabemos com interesse e que tantas vezes passam despercebidos nos cinemas da nossa terra».

Como tal propósito raramente foi

O MENSAGEIRO de Joseph Losey

(...) Em «The Go-Between» (O Mensageiro) Losey descreve, nos mais pequenos detalhes, alguns dias da vida duma família da aristocracia inglesa (da época vitoriana) mostrando subtilmente o seu enfatuamento e sobretudo as barreiras existentes entre ela e outras camadas da mesma burguesia inglesa. Esse é o problema fulcral e, aparentemente, de grande perspicácia e inspiração realista.

Na realidade, o quadro social que Losey nos retrata só superficialmente corresponde à experiência histórica. Efectivamente na passagem do século (XIX a XX) em que se localiza historicamente a narrativa do filme, a sociedade britânica não apresenta as contradições de classe que aí são levantadas, entre a aristocracia e o camponês médio (rendeiro), como contradições sociais com exemplaridade. É certo que «O Mensageiro» descreve muito mal essa tal aristocracia, em férias, de que sabemos simplesmente possuir uma grande propriedade e passar o tempo a jogar, em jantaras, festas, etc. Jamais se lhes ouve uma reflexão acerca dos negócios ou de outra actividade produtiva. Dir-se-ia viverem a flutuar ou do céu, como se usa dizer (...).

(D. Lacerda — in VERTICE n.º 333)

cumprido, procurar-se-á a partir desta semana, e sempre que os filmes apresentados o justifiquem (pois verifica-se passarem semanas, em que, tanto no Casino como no S. Pedro não aparece um filme com interesse), manter a rubrica:

(...) Um dos principais méritos da obra de Losey e Pinter será o de ter evitado uma crítica fácil e mesmo demagógica ao estabelecimento social que decretava que, quaisquer que fossem os seus sentimentos, Maria teria que ser (são aliás, essas as suas palavras POR-QUE TEM DE SER) lady Trimmingham.

E a mesma estrutura de rigidez classista determinava que o lavrador Ted Burgess não poderia aspirar a uma mulher — excepto furtivamente — dum meio superior ao seu. Claro que impermeabilidade e a estrutura francamente reaccionária da sociedade inglesa pós-victoriana não nos são, digamos assim, marteladas na cabeça com esquemas lineares. Trata-se duma crítica indirecta, subtil, feita de pequenos apontamentos e certo, mas de tal maneira que só por distracção se podem confundir com símbolos. E os membros das classes dominantes não se apresentam como monstros absurdos mas como gente simpática — que só perde a simpatia quando as contradições estalam e não se pode arguentar mais (...).

(José Vaz Pereira — in «Diário de Lisboa» de 14-4-72)



TRISTANA de Luís Buñuel

(...) Buñuel terá entrevistado em Tristana a possibilidade de retomar a Espanha no tempo em que dela saiu, como se nada, entretanto, tivesse ocorrido. O romance de Galdós situa a sua acção em 1892 e Buñuel irá modernizá-la, situando-a por volta de 1930. Numa cidade de ruas estreitas, sinuosas, de cor barrenta e quente, de castanhos avermelhados e ocre: Todelo. Com esta actualização procurou Buñuel aproximar o drama de Tristana dos nossos dias, insuflando-o de uma modernidade admirável. Submergindo-o na paisagem urbana e medievalista de Toledo.

Com o perfeito domínio do cinema, Buñuel (...), irá falar-nos de Espanha. Uma, sociedade fechada, puritana (os bons burgueses da cidade interrompem um idílio para protestar em nome dos costumes), vigilante (ruas patrulhadas onde a raiva é abatida a tiro ou rio de espada)... Cafés de tertúlias, a malecência, o fanatismo, o clericalismo.

Tristana, com vinte anos, e por morte da mãe, é recolhida por Dom Lope, que promete tratá-la como um pai. Instala-a em sua casa e, quando Tristana se baixa para limpar qualquer coisa que entornou, Dom Lope é peremptório. «Tu não vieste para aqui para ser criada. Isso é com Saturna. Tu és a senhora». Mas, mais adiante, pedirá os chinelos a Tristana, que lhe descalça as botas. Dom Lope será o retrato de uma burguesia liberal, de início do século vinte.

Anticlerical, desprezando o «vil metal» (que no, entanto, não recusa, antes tudo faz para o herdar de sua irmã), desprezando o trabalho (ainda há quem diga que o trabalho liberta...! Só se for quem dele se aproveita...!) é todavia um fidalgo despeitado «dos mandamentos, excepto daqueles que falam do sexo, porque esses foram acrescentados por Moisés, certamente por razões políticas, mal esclarecidas». Ser, contudo, Dom Lope quem explica a Tristana que «mulher honrada se quer no interior das quatro paredes de uma casa» e será o mesmo Dom Lope quem irá, no sossego das quatro paredes de sua casa, despertar Tristana. Esse paradoxo explica-se logo no início do filme, quando o fidalgo protege da polícia um pequeno ladrão, dizendo a Tristana: «A Polícia representa a força e os homens como eu defendem sempre os fracos, em qualquer situação. Não te esqueças disso... Tristianita». Dias depois, Tristianita seria obrigada a esquecer-se disso e deixar-se possuir pelo velho tutor. Do rosto de Tristana resvala, então a pureza e a alegre inocência. Daí em diante, será a progressiva maturidade. Uma maturidade que se adquire à medida que se vai perdendo a integridade moral e física (por estranha doença é amputada uma perna a Tristana) (...).

(Lauro António — in «Diário de Lisboa» 20-4-72)

SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.^a

FELIZ FOI ADAO, QUE NÃO TEVE SOGRA NEM CAMIÃO! (1)

- nem teve C.P. nem cancelas fechadas nem campainhas a ganir...
- nem teve falta de areia na praia nem extracções industriais de areia...
- nem teve acessos rodoviários incapazes nem projectos na prateleira...
- nem teve fábricas de plásticos nem queimadas diurna e nocturnas...
- nem teve concessões de casinos nem tantos beneméritos...
- nem teve obras projectadas nem faltas de verbas...
- nem teve lixo por toda a parte nem falta de limpeza...
- nem teve empreitadas camarárias demoradas nem serviços técnicos morosos...
- nem teve feira semanal nem falta de sanitários...
- nem teve agrupamentos de padarias nem pão que parece de bor-racha...
- nem teve tantos automóveis nem trânsito desordenado...
- nem teve Posto Médico da Previdência nem obras urgentes só prometidas...
- nem teve festivais aeronáuticos nem nevoeiro...
- nem teve cinemas, nem falta de filmes para crianças...
- nem teve necessidade de alugar um automóvel nem falta de táxis...
- nem teve rádios nem teve que ouvir o «Simplesmente Maria»...
- nem teve faltas de trocos nem feiras da moeda...
- nem teve praia nem falta de chuveiros...
- nem teve casinos nem que pôr gravata para lá entrar...
- nem teve 70 kms. de ruas nem falta de polícias...

INFELIZES SOMOS NÓS, QUE TEMOS TUDO O QUE ADAO NÃO TEVE!

(1) Do Cancioneiro Geral dos Motoristas de Pesados, na Torre do Tombo.

LAGOA DE PARAMOS

Ignorada desde tempos imemoriais, continua votada ao abandono. Há meio século era ainda uma beleza natural de águas cristalinas, com muitos peixes e caça nas caniças das margens. Agora é uma poça imunda, turva e fétida.

Em 1971 o Ministro Rui Sanches nomeou uma Comissão constituída por entidades relacionadas com os assuntos hidráulicos e responsáveis pela região, a fim de ser projectado um plano de aproveitamento da moribunda Lagoa.

Mas o interesse demonstrado pelo titular das Obras Públicas para a apresentação rápida dum programa de beneficiação progressiva deve ter estagnado como as águas da Lagoa e como convém, aliás, a uma Comissão que se preza. E quando há dois meses apareceram uns guindastes e uns tractores a tirarem areia do canal de ligação para o mar e a que se chama Barrinha de Esmoriz procuramos saber da Junta de Freguesia de Paramos (que faz parte da Comissão nomeada pelo Minis-

tro) o que se ia passar, fomos esclarecidos que aquela autarquia não tinha conhecimento de nada!

E então as maquinas justificaram a verba destinada a determinar trabalho que se veio a verificar ser o desassoreamento do canal da Barrinha, ritual que se vem processando anualmente para possibilitar, na época estival, aos banhistas ignorantes ou inconscientes, umas águas mornas e infectas.

E as autoridades marítimas e sanitárias, com certeza desconhecedoras da podridão incubada naquelas águas impróprias, não tomam as providências, que se impõem.

E para se obter um marginal atractivo turístico gastam-se umas centenas de contos sem a utilidade que se pretende, pois, durante o inverno que vem, os temporais voltarão a meter as areias no caneiro infecto.

E assim vai o mundo...

ALMEIDA CAMPOS

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO